

# ***O FIO DAS RELAÇÕES HUMANAS: ENTRE RASGOS E REMENDOS***

*Entrevista a Enrico Testa*

*Patricia Peterle*<sup>\*</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

*Elena Santi*<sup>\*\*</sup>

Università degli Studi di Bologna

**Resumo:** Entrevista ao poeta e professor universitário Enrico Testa sobre sua relação com a literatura e sua escrita poética.

**Palavras-chave:** Poesia italiana. Enrico Testa. Contemporaneidade.

**O que significa ser poeta hoje? O que é um poeta? O poeta é um nostálgico cantor da palavra um pouco cansada e obsoleta? É necessariamente um opositor do mundo?**

Ser poeta hoje significa ser algo menos do que nada. Acho insuportáveis os que ‘fazem’ os poetas assumindo atitudes de profeta ou guru new age, acreditando dessa forma de se colocarem numa posição de excelência. O poeta é no fundo um homem como os demais, com algum problema a mais e, em contrapartida, com uma mínima dose de atenção e sensibilidade que, por sorte e cultura, se declina em versos. Portanto – por favor – não aos cantores nostálgicos, não aos cantos desdobrados, não ao restauro dos tempos idos. Até porque hoje, considerando o colapso do prestígio da cultura humanística e a perda de seus valores simbólicos e antropológicos, ninguém, no fundo, se preocupa com a poesia. Que depois cada poeta minimamente decente tenha que provar um certo desconforto diante do



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>\*</sup> Professora de Literatura Italiana do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [patriciapeterle@gmail.com](mailto:patriciapeterle@gmail.com).

<sup>\*\*</sup> Mestre (Laurea Specialistica) em Letras-Italiano pela Università degli Studi di Bologna, com uma dissertação dedicada ao estudo da poesia de Giovanni Pascoli e Ruben Dario. E-mail: [elena.santi1989@gmail.com](mailto:elena.santi1989@gmail.com).

mundo, isso me parece quase uma condição prévia essencial. Se prestarmos atenção, até deixando de lado problemas metafísicos e questões ontológicas, em como o mundo funciona (muito concretamente: concentrações financeiras, novas e antigas escravidões, domínio dos meios de comunicação, persuasão massiva, homologação planetária, ganância e pobreza em perverso conúbio) não tem como não se sentir em 'exílio' perene e tentar demonstrá-lo. Contudo, os modos de fazer não coincidem, a todo custo – que fique claro –, com os da obrigação pragmática e os da poesia civil (que frequentemente é só um rito onanístico). É possível dizer *não* até escrevendo quadras de amor, ou pondo em versos as próprias experiências cotidianas, mas sem deixar de mostrar que a visão adotada e a língua usada não pagam pedágio à *doxa*, às lógicas, às modas e aos sistemas de pensamento dominantes que, com certa paz dos liquidantes da crítica social e materialística e ideológica, continuam existindo, sempre mais fortes, perversivos e ocultos.

**Qual é a sua relação com a palavra e com a língua? Sendo um poeta, vê a língua como um instrumento adequado de comunicação poética? E como definiria sua própria linguagem poética?**

A propósito da língua e da língua da poesia é necessário fazer uma premissa. O século passado foi, sem dúvida, o século da linguagem. Viu o nascimento da linguística moderna; muitos filósofos se dedicaram a esse tema; numerosas disciplinas se fundaram sobre ele; poetas e narradores fizeram dele um objeto constante de reflexão. E também foi o século das mais turvas e violentas manipulações. Mas, há um fio constante nas muitas análises da linguagem: a valorização dos seus limites, da sua impossibilidade de dizer, do seu carácter 'funerário', que enquanto expressa verbalmente uma mensagem ou 'chama' um objeto, ou falsifica o primeiro ou suprime, até matar, o segundo. É, enfim, o reflexo, no plano da comunicação verbal, da vasta empresa demolidora do niilismo que impregnou o século XX. Aqui, esta última – tanto as filosofias do Nada quanto suas prospecções linguísticas – pode ser entregue aos arquivos. Sem restaurar antigas visões 'otimistas', completamente fora de lugar, e, quem sabe, se servindo da lição, para mim fundamental, de Lévinas, acho que a linguagem, mesmo com todos os seus limites, seja o que nos mantém unidos, juntos e em luta, em euforia ou em aflição. O fio das relações humanas. Uma importante possibilidade do sentido dessas relações. E um aceno (só um aceno) de transcendência na imanência. E não estou pensando em suas formas elaboradas, nos estilos da literatura, mas, sim, nos discursos 'comuns' que, quando privados de modismos e ocasionalismos sugeridos pela mídia, revelam uma insuspeita

profundidade de significados e uma densa filigrana de afetos e, ao mesmo tempo, concreções geológicas do italiano, estratificações semânticas, visões do mundo que só o esnobismo de certos mandarinos, muito *up to date*, pode olhar com desprezo. Por outro lado, se Wittgenstein dizia que em uma gota de gramática se concentram oceanos de filosofia, Lacan, de sua parte, ressaltava a riqueza e convidava à escuta dos discursos da rua ou do metrô. E a poesia? Acredito que não se deve pensar na poesia como um gênero linguístico separado, como um código com seus pré-constituídos signos de identificação, mas que, conscientes dos seus limites (há temas e questões que outros tipos textuais enfrentam com maior aderência e força interpretativa), deva ser interpretada no quadro, dialógico e geral, dos discursos humanos, sublinhando o seu pertencimento a esses e solicitando-lhe o mesmo grau de responsabilidade (para si e para os outros) que gostaríamos de solicitar para cada gesto e cada palavra dos intérpretes da existência.

A minha linguagem poética aponta, pelo menos parcialmente, para uma simplicidade gramatical, entremeada, no entanto, por sinais que fogem da linearidade comum da dicção, ora por via lexical (poucos termos estranhos ao uso), ora por via textual (com violação das regras da usual coerência semântica e presença de referências 'opacas', não recuperáveis imediatamente), ora, e sobretudo, por via harmônica (a 'verve', inclusive, nas situações mais cupas através da afeição ou o vício da rima, nas suas várias formas e rearranjos no verso).

**É comum dizer hoje que há mais poetas do que leitores, o que pensa? E como intervêm os novos suportes (internet, blog) na relação com o público? Quais são as perspectivas para o mundo da poesia nas próximas décadas?**

Que haja mais escreventes de poesia do que atentos leitores é um fato sociológico de patente evidência, agravado do fato que os primeiros não se sentem mais na obrigação de ler os grandes autores do passado, remoto e recente. Quanto à internet, blog e fenômenos similares, tenho bem pouco a dizer: entrevejo só uma nebulosa indistinta, uma grande confusão, um excesso de narcisismo que, como nos *social*, leva a dizer, sempre e de qualquer maneira, *eu ... eu... eu...* Não se entende mais quem fala, o porquê e em base ao que. Do futuro da poesia sei ainda menos, não possuindo dotes proféticas. E confesso ainda que esse é o último dos meus problemas. Poderia dizer, com uma frase feita, que a poesia vai durar quanto o homem, mas, num ímpeto de sinceridade, me vem mais uma vontade de exclamar: “vão plantar batatas!”.

Como se conjuga o papel de crítico literário e pesquisador com o de poeta? São dois aspectos de sua vida profissional que dialogam entre si ou ficam separados? Depois de prêmios importantes para a poesia (último o Viareggio 2013), acaba de receber o prêmio Mondello pela crítica com *L'italiano nascosto. Una storia linguistica e culturale*. Seus estudos acadêmicos de alguma maneira fazem parte de sua poesia? Mais em geral, quais poetas e escritores operam em sua escritura?

Para começar vou tentar responder a primeira parte da pergunta. Provavelmente não são poucos os autores em questão, mesmo sendo difícil para mim, depois dos mestres reconhecidos de aprendizado e exórdio (primeiro entre todos Caproni), identificar nomes precisos. Duas coisas gostaria de dizer: acredito que a tradição não seja uma herança da qual se possa liberar com um simples gesto de tédio; escreve-se porque outros escreveram antes de nós e na esperança de que outros façam a mesma coisa depois. Em segundo lugar, estou convencido de que operem na minha escritura, mais do que leituras de tipo poético, leituras de tipo narrativo (em particular, romances do século XIX) e, apesar dos defensores da pureza do 'canto', até o ensaístico. A propósito das duas figuras, a atividade prevalente é, pelo menos de um ponto de vista cotidiano e quantitativo, a de crítico ou, melhor (dado que nunca exercitei funções militantes), a de historiador da língua, literária e não literária, e de professor; no fundo, duas profissões, nada mais, ligadas entre elas. Abaixo ou do lado, a escritura em versos, que sinto mais próxima do ponto central de minha desordenada identidade e do seu cotidiano entrar nos trilhos, entre rasgos e remendos, pela simples razão de que é estritamente ligada aos fatos de minha existência. Na verdade, só escrevo poesias na tentativa de interpretar esses últimos ou, simplesmente, para me lembrar deles (esperando, bem lá fundo, que a minha lembrança coincida ou se aproxime a uma lembrança inexpressa mas parecida, por experiência, sentimento ou valor, do leitor). Quais sejam as relações (diálogo? separação radical?) entre esses dois aspectos ou atividades, para mim, permanece um mistério. Para além do óbvio fio de continuidade entre elas (que pelo menos momentaneamente me preserva da esquizofrenia) e de um ou outro ponto de contato, em particular temático (algumas obsessões profundas), parece-me que percorram cada uma seu caminho. Por outro lado, o que há de mais insuportável de um professor que se comporta como 'poeta'? Talvez, só um poeta que nunca se esquece, enquanto escreve versos, de que é professor. Por sorte, eu esqueço frequentemente de ser tanto um quanto o outro.

**O que representa para o senhor a sua última coleção *Ablativo*? O que quer dizer com “poesia ablativa”? É uma poesia ligada a uma espécie de pluralismo e multiplicidade de significado? Qual posição é reservada ao poeta numa poesia que procura levar o sujeito a abandonar os próprios confins semânticos e ontológicos?**

Falar de poesia ou poética “ablativa” é talvez exagerado. Começamos pelo título que reenvia (aqui sim como professor!) a um caso do latim altamente sincrético, em que se reúnem várias funções: o afastamento de si, a deslocação alhures, o movimento e a estagnação (até o ponto em que as poesias do livro poderiam ser divididas, como certa caça dos caçadores, em sedentárias e migratórias) e, ainda, as funções, instrumental e comitativa, estar para os outros e com os outros. Enfim, o título foi escolhido tanto pela pluralidade – como a senhora disse – dos seus significados (até em contraste entre eles) quanto por marcar, de maneira definitiva, a distância do primeiro caso, o nominativo; com tudo o que este último pode provocar: pronúncia absoluta, papel central do eu, comportamento eminente de tipo liricizante. As várias passagens do ablativo, pelo contrário, ao meu ver, se por um lado, levam o sujeito à descoberta de um novo destino (no cruzamento de vozes diferentes, estreito entre gerações não próprias, imerso em relações impostas por microcosmos particulares e por mundos estrangeiros: família, amizade ou lugares remotos), por outro lado, sugerem uma coisa muito importante para mim: que a poesia, no fundo, compartilha a fragilidade de nossa existência, os limites do tempo que nos resta (Marina Cvetaeva dizia que, para quem escreve, o importante é «Não fazer um nome – fazer em tempo) e, junto a tudo isso, os sentimentos que nos comovem e o nosso partilhar a vida. Então, nem estátuas e nem monumentos (figuras antigas, mas sempre sobreviventes em certas idéias ou tendências sacrais e ‘absolutas’ da literatura), mas, no máximo, uma escritura sutil e em letras pequenas, quase um hieroglífico ou glosa ou nota, à margem de um texto, a vida, que nos fascina e nos destrói. Qual seja a posição reservada ao poeta neste tipo de escritura é, no fundo, muito simples: estar *entre* condições e situações diferentes, mantendo a consciência de não ter nunca a ‘última palavra’.

**O tema da viagem e o de espaços outros se conjuga em diferentes maneiras neste último volume de poemas. Por um lado temos Lisboa, que, no afastamento, parece refletir o próprio ponto de partida, Gênova. Do outro, temos a América do Sul, com suas cores, seus “horizontes / que tem em si o cinza e o amarelo / e um traço sutil de azul” (*Ablativo*, Rafael Copetti Editor 2014). É este o percurso do novo eu ablativo que, depois de ter aceito a própria dissolução, percorre milhões de quilômetros para se reencontrar?**

A viagem, junto com os temas do sonho e da memória (sobretudo familiar), é uma das estruturas fundamentais do livro. Acredito que tenha de ser entendido, ao menos aqui, como a dimensão na qual o sujeito, uma vez tendo aceito – numa mimésis um pouco paródica da filosofia estoíca – serenamente a sua íntima dissolução, se põe novamente em busca de um horizonte em que possa escutar a si mesmo e aos outros e, talvez, o ritmo originário da vida e seu atrito com as mutações históricas, antropológicas e sociológicas. A viagem é, portanto, (e pouco importa que seja mais ou menos 'exótica') a realidade em que o eu se perde e se reencontra e na qual percebe que sua identidade, longe de ser um dado substancial e pré-constituído ou, como se quer hoje, um elemento puramente aleatório ou virtual, é pelo contrário o fruto de um trabalho: uma entidade composta de tesselas diferentes e atravessada pelos ecos e signos plúrimos, aos quais se deve prestar atenção, a serem repostos todos juntos, com paciência, sobriedade e discrição.

**Podemos pensar na sua poesia, ou talvez na poesia mais em geral, como uma espécie de diálogo com as coisas ausentes, enquanto fisicamente longínquas ou pertencentes ao mundo da memória ou dos mortos, estes muito presentes em outros volumes como *Pasqua di neve* (Einaudi, 2008)? É possível uma via não poética para estabelecer esse diálogo?**

Desde a origem (há muitas provas documentárias em relação a isso), a poesia é uma forma de diálogo com os ausentes e, em particular, com os mortos. A minha poesia não faz outra coisa que percorrer, do jeito dela, essa trilha. O fato sociológico e antropológico recente é o seguinte: no passado e, sobretudo, abaixo de outras latitudes, o possível 'contato' com os desaparecidos dava-se também por meio de formas rituais, que tinham a função de mediar e absorver gradualmente o luto, modelando, por assim dizer, a ausência. Depois, ao contrário, houve uma radical remoção da morte, da função e do respeito dos mortos: expulsos do circuito social e simbólico antes ainda de terem entrado no além. Em tal situação, ao menos que não se queira confiar em práticas mediúnicas ou espíritas, que pessoalmente sinto distantes de mim, a poesia resta a única prática simbólica, junto à oração para os crentes, de relação e diálogo, embora seja paradoxal e aporético, com os mortos.

**Numa poesia como a sua, que procura se libertar da superabundância, da retórica e do narcisismo, e que de alguma forma adota voluntariamente um aspeto mais modesto, em que reside o valor estético?**

Não saberia dizer e não sei nem se a minha poesia tenha um claro valor estético. A única coisa que posso afirmar – ainda que em voz baixa – é que as minhas poesias são *minhas*. Fazem parte da minha vida e, sobretudo, das pessoas que, direta ou indiretamente, de algum modo, nela entraram. E, lindas ou feias que sejam, possuem um timbre particular, não confundível. Nunca faria uma permuta, numa espécie de pacto demoníaco, com as poesias de nenhum outro, mesmo mais influente ou de maior sucesso ou, como se diz hoje, de grande ‘visibilidade’.

**Como descreveria sua trajetória poética, desde o primeiro livro *Le faticose attese* (San Marco dei Giustiniani, 1988, com prefácio assinado por Giorgio Caproni), até *Ablativo* (2013, traduzido no Brasil em 2014)? Há alguma coisa da qual, nesta longa viagem poética, nunca quis se separar? O que abandonou? Quais as conquistas?**

Desde as *Faticose attese* de 1988 a *Ablativo* de 2013, muitas coisas mudaram, mas algo também sobreviveu. O primeiro era o livro de um tardio garoto fascinado, para resumir, por dois temas e experiências: a relação com a natureza e o amor (um “affabile canzoniere amoroso” foi definido por Giovanni Giudici). Operava nisso uma intenção, olhando agora em retrospectiva, que poderia ser definida nipo-linguística: a atenção, quase obsessiva, nas mutações oferecidas pelas árvores, animais e flores, numa série de variações tonais (um pouco como acontece, feitas as devidas proporções, com as formas do haikai de certos grandes poetas japoneses) desenvolvidas, porém, no meu cenário originário: justamente, o lígure ou, melhor dizendo, uma reduzidíssima porção do mito antropológico que está sob o nome de Ligúria. E, por outro lado, atuavam naquele livro as razões do sentimento, a simples descoberta de um amor que dura no tempo, mas percorrido pelos arrepios, pelo sentido da ameaça. Como um dia de verão no qual ressoa o barulho de trovões distantes. Depois, as coisas inevitavelmente mudaram. A experiência da dor, ausência de tantos rostos caros, o biológico mudar do eu, a variedade das leituras mudaram, em parte, a atitude inicial. E a escritura tornou-se, em parte, mais sensível (também com efeitos, talvez, de excessiva surpresa para leitor) à enigmaticidade da existência. Reencontrando depois (mas não posso ser eu a dizê-lo) uma nova claridade nos últimos dois livros.

Mas, não obstante todas as inevitáveis mudanças, determinadas pelo transcorrer dos anos e por encontros, ocasiões diferentes, viagens no próprio quarto e em lugares remotos, acredito – lendo um atrás do outro, os meus cinco livros – que possam ser vistos (ou, pelo menos, me agrada vê-los assim) como uma espécie de banquete do qual participam muitas

peessoas: ora destinatários de um texto, ora personagens do mesmo texto, ora ocasionais da escritura. Todos juntos, vivos e mortos, na margem entre cotidianidade e mistério. Uma comunidade impossível, como acontece nos sonhos. E, como também acredito, se dê na existência, à qual dão voz e sentido tanto os que estão perto fisicamente quanto os que, embora ausentes, continuam a falar conosco, não hesitando em fazer perguntas e em nos convocar.

Obra poética

*Le faticose attese* (San Marco dei Giustiniani 1988)

*In controtempo* (Einaudi 1994)

*La sostituzione* (Einaudi 2001)

*Pronomi* (Il Segnalibro 2006)

*Pasqua di neve* (Einaudi 2008)

*Ablativo* (Einaudi 2013)

Tradutor de *High Windows* de Philip Larkin (*Finestre alte*, Einaudi, Torino 2002).



### **Appunti di geometria**

la processione celeste delle cicogne,  
stanche del viaggio africano,  
sui monti della Bulgaria  
e più in alto la scia  
dell'aereo per Monaco  
in intersezione con altri bianchi  
solchi ancora visibili e pulsanti.

Becchi scarlatti e remiganti tese  
e un lontano frullio nel vento.  
Ed ecco ora, vicina  
e improvvisa nel silenzio,  
la linea nera del corvo in volo.

Rette angoli secanti croci.  
Geometria di colori  
banco di scuola  
esercizio pieno di errori.  
Cielo e liceo quasi la stessa parola

### **Apontamentos de geometria**

a procissão celeste das cegonhas,  
cansadas da viagem africana,  
sobre os montes da Bulgária  
e, mais no alto, a esteira  
do avião para Munique  
em intersecção com outros brancos,  
ainda visíveis e pulsantes, rastros.

Bicos escarlates e rêmiges tensas  
e um longínquo zumbir no vento.  
E eis, agora, próxima  
e repentina no silêncio,  
a linha preta do corvo em voo.

Retas ângulos secantes cruces.  
Geometria de cores  
carteira escolar  
exercício cheio de erros.  
Céu e liceu, quase o mesmo palavrar

*inédito de Enrico Testa  
 tradução Patricia Peterle*

**Enrico Testa** é uma das vozes mais singulares da poesia italiana dos nossos dias.

Professor titular de História da Língua Italiana na Università di Genova, conjuga a atividade acadêmica com a poética. Lança seu primeiro livro em 1988, *Le faticose attese* (San Marco dei Giustiniani), com prefácio assinado por Giorgio Caproni, com o qual Testa empreende um diálogo pessoal, artístico e acadêmico. Depois publica com Einaudi *In controtempo* (1994), *La sostituzione* (2001), *Pasqua di neve* (2008), e *Ablativo* (2013, vencedor dos prêmios Pascoli e Viareggio-Répac). Como para outros grandes poetas conterrâneos a Testa, basta pensar em Montale ou Caproni, sua poesia revela uma intensa e imbricada ligação com a terra natal.

Ao lado do olhar oblíquo e minucioso, pode ser colocada a atenção dada ao cotidiano, ao mundo natural (plantas e animais), mas sobretudo à viagem, a outros lugares, que, podem ter pinceladas mais ou menos exóticas e vagamente místicas. Os fios da trama da poesia desse genovês de Nervi se compõem das experiências vividas, lugares próximos e longínquos, das paisagens vistas e sentidas, das pessoas encontradas e desencontradas, presentes ou ausentes. Eventos que nos versos se transfiguram, um experienciar singular que é partilhado com o leitor, uma poesia que comunica



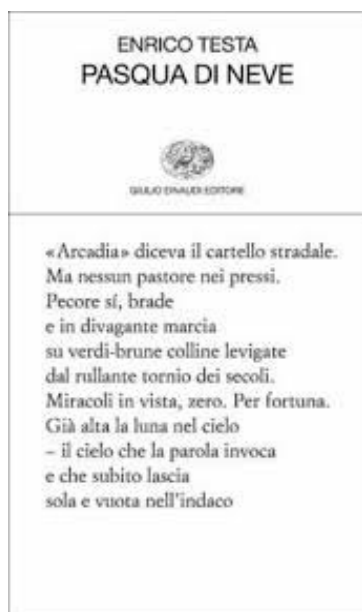
Foto: Acervo pessoal do poeta

(com-), segue um “rumo”, se desdobra na sua simplicidade (na verdade, só aparente simplicidade) e no ritmo de uma música com acordes doces, mas também afiados.<sup>1</sup> Uma “voz baixa” que se transforma em sussurros, imagens poéticas, e éticas, que deixam rastros no corpo do leitor; voz que resta como um rumorejar.

A última coletânea, *Ablativo*, traduzida em 2014, pela Rafael Copetti Editor, torna-se quase uma reunião de tudo o que é poeticamente relevante para Testa, além de ter uma atmosfera menos “carregada” do que as demais até *Pasqua di neve*.

---

<sup>1</sup> PETERLE, Patricia. Outra via: *vivo no ablativo*, percursos de Enrico Testa. In: PETERLE, Patricia. *No limite da palavra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.



Talvez, traços da atmosfera de *Ablativo* se possam já entrever nas páginas de 2008. Viagens entre os Balcãs e a América do Sul, diálogos com presenças indefinidas de quem não está mais entre nós, uma constante imersão no mundo da memória e do sonho, resquícios talvez de uma pascolinana memória<sup>2</sup>. Nessas páginas, tudo o que é ambivalente, tudo o que não é unívoco e de fácil interpretação encontra seu espaço. Ambivalência de lugares, só para fazer um exemplo, Gênova e Lisboa, que se confundem e a primeira é lida mediante a segunda. Ambivalência também de situações, ações e sentimentos. A bipolaridade é uma das marcas de *Ablativo*. Nessa configuração, assiste-se ao contínuo perder-se e recompor-se do sujeito que através das experiências “contadas”, confiadas e compartilhadas com o leitor, demonstra o quanto a identidade pessoal não possa ser mais um monumento monolítico centrado em si, mas esteja em constante construção, em movimento, em devir, em conflito. O aspecto dialógico ajuda na construção desse testemunhar, entre coragem e medo<sup>3</sup>. O “exercício” de Enrico Testa é, portanto, um perder-se para se reencontrar, e perder-se novamente, um analisar que restitui frescor a uma visão fragmentada de conjunto, uma vontade de fazer as contas com a própria experiência (fundamental a lição de Sereni), com a ausência e o abandono, para rever a capacidade evocativa da memória.

[Recebido em outubro de 2015 e aceito para publicação em outubro de 2015]

<sup>2</sup> PESTARINO, Rossano. “*Ablativo* di Enrico Testa”. In *Strumenti critici*, n. 134, 2014, p. 179-183.

<sup>3</sup> ZUBLENA, Paolo. *Enrico Testa*. In CORTELLESSA, Andrea; ZUBLENA, Paolo (Orgs.). *Parola Plurale*. p. 559-562.

**Yarn of human relations: between tears and patches**

**Abstract:** Enrico Testa an Italian poet and professor is interviewed about his relation with literature and his poetic writing.

**Keywords:** Italian poetry, Enrico Testa, contemporaneity.

